



Eu era um belo pica...

...que lindo pica eu era

Mas deixei de “picar”, mais que fazer não sei.
Cansado estou da vida, não posso “picar” mais;
Volto a Gilwell onde esta voz renovarei.

**Gilwell, Gilwell, cá voltei
Meu canto à tua sombra renovei.**

Esta forma de organizar a oferta formativa [numa lógica de percursos], permite uma outra vantagem: a possibilidade de um formando “coleccionar” conteúdos de diferentes áreas, e inclusivamente, mais orientados para um percurso formativo diferente do seu, consoante os seus interesses ou necessidades formativas pessoais.

Ivo Faria



Editorial

Ética e poder

Carlos Nobre
Castor inteligente

Começo desde já por pedir desculpa dos respigos de pensamento que me têm trazido preocupado, tanto com o país como com as suas inúmeras instituições, incluindo o CNE (em todos os níveis), no que ao exercício do poder diz respeito.

Serão compatíveis a ética e o poder, ou o sonho e a rebeldia? E serão estes ainda compatíveis com a necessidade de tomadas de decisão e com a autoridade? O poder mexe as pessoas por dentro, gera paixões, é psicologicamente passional. E diz o povo: "se queres conhecer o vilão, dá-lhe poder para a mão" ou "quase todos os homens são capazes de superar a adversidade, mas, se se quiser pôr à prova o carácter de um homem, dê-se-lhe poder" e outros...

O poder tem as suas máquinas, locomotivas poderosas e carruagens bem conhecidas: clientelismo, populatismo, compadrio, corrupção... e, sabemos bem, como é difícil descarrilá-las! Até os partidos, que deveriam ser paradigmas de valores, apenas parece trabalharem na epiderme da sociedade, na espuma dos seus problemas, cavalcando modas que mais não são do que fluxos esvaídos de sentido. É tudo um trabalho demasiado... modesto, superficial até.

O poder tem uma outra interessante característica, a que poderei chamar o "complexo do harém". Desenvolve-se em torno do líder, faz evoluir o culto do chefe, sumidade suprema (às vezes absoluta), à volta do qual se cria como que um couto, com um conjunto de pessoas que gravitam à sua volta, à volta do seu chefe. E todas elas detêm um pouco desse poder... Confundem na maior parte das vezes o interesse comum ou as soluções para os mais diversos problemas com as suas tomadas de decisão e explicam normalmente que, para além de possuírem sempre a razão e o conhecimento das situações, quem pensa de modo diferente é um inimigo a abater, já que os adversários (mesmo os tolerados) são uma ameaça! O líder passa a ser um deus e o harém uma espécie de comunidade religiosa a que só acedem os que nela são iniciados...

Só a cultura dos limites do poder, aquilo a que chamamos democracia, pode permitir, quando exercida objetivamente, obstar à tentação do seu abuso. Mas tem de ser exercida! Se esses agentes também "chafurdam na coisa", ou se acobardam, ou se são do tipo "laissez faire" ou se têm medo (o que acontece na maior parte dos casos), então... não há mesmo limites ao abuso do poder. Não há leis ou património legislativo vigorante, não há decisões de órgãos soberanos a cumprir, não há regras nem limites. E quem manda é a "lei"!

Como o Estado, que é o mesmo que dizer as instituições (globalmente falando), está em declínio, sobe a vertente da personalização dos detentores do poder face à colegialidade que normalmente as caracterizam. Como exemplo podemos observar que no Escutismo as decisões, desde os Lobitos, são tomadas em Conselho; mas, quando falamos de dirigentes, o que é "importante" mesmo, quem o é de facto, é o chefe... Daí que, rapidamente, passemos a referir os "eles". Eles é que mandam, eles é que sabem, eles é que estão dentro do assunto, detêm as respectivas confidencialidades e imunidades. E nós (?), vamo-nos demitindo das nossas responsabilidades!...

Não esqueçamos que os cidadãos somos nós, pessoas como eu ou tu, e são as pessoas que fazem as instituições e são elas que tomam as decisões, votando. Contudo, para que tal aconteça, é necessário ter alguns critérios. Ouso apresentar alguns à reflexão:

- O exercício do poder é o instrumento de realização de direitos. E não o esqueçamos, os direitos são dos outros!
- Não cair na tentação autoritarista. O diálogo é sempre a solução. Mas, é necessário tomar decisões, agir e executar o decidido.
- Quando tivermos dúvidas, sejamos sempre pelos mais pequenos e pelos mais fracos.
- A regra da maioria (mesmo que democrática) não só pode ser fraturante como resultar em menos democracia.

E, onde se baseiam estes critérios? Estes critérios são os valores universais (que para nós cristãos são a pessoa e a palavra de Jesus Cristo), são os princípios humanos apodíticos, são os ideais do homem e do seu sonho. São o "eixo da roda", isto é, aquilo que acompanha sempre a roda, que com o seu piso toca o tempo e o espaço, o concreto do dia-a-dia, todas as situações e problemas da existência humana, mas que não anda, está fixo! E como é importante mantermo-nos fiéis ao eixo da roda!... Se o não fizermos, confundimos o tempo presente com a perfeição, o aqui e agora com o céu, o desejo do ser com ele mesmo e, o que sobra ao acordarmos, diariamente, mais não é do que um "vale de lágrimas" cheio de inúmeras "dores de parto", vistas sempre do sopé dos montes!...

Para fugir às ilusões deste meu tempo, em que "o que parece é", tendo já evoluído para "o que aparece é", vou-me candidatar a Secretário "do Estado a que isto chegou" e trocar a minha ação, o meu empenho e o meu compromisso na teologia da libertação para a teologia da intervenção. É que questionámo-nos normalmente porque é que os generais são maus, muito maus. A resposta é simples: são escolhidos entre os coronéis. Isto é, nós eleitores, é que somos sempre os responsáveis!

Poder e santidade são mesmo incompatíveis?
A exceção será o rei S. Luís?

Ou... não será o amor, a gratuidade, o sentido de serviço, o que dá olhos que vêm, verdadeiramente? E, a seguir... corramos a fazer política!



Sentinela

Percursos formativos

Ivo Faria

Conceito

O conceito de percurso formativo no CNE está intimamente relacionado com 2 aspetos essenciais:

- A flexibilidade na construção, ao longo do tempo, de um corpo de saberes, competências e atitudes, que enformam o adulto e o preparam para um desempenho cada vez melhor da sua missão, atendendo às especificidades de cada um em termos de, quer aquilo que domina / lacunas que detém, quer a disponibilidade para a formação.
- A necessidade de atender às necessidades do CNE, em termos funcionais, ou seja, diferentes papéis que os dirigentes podem desempenhar na sua missão (última) de educadores de jovens.

Esses papéis podem ser de educadores, de formadores ou de gestores, consoante se trate de trabalhar quotidianamente com crianças e jovens, de apoiar o crescimento e o desenvolvimento das competências dos educadores, ou de garantir o funcionamento das estruturas que dão suporte aos educadores (agrupamentos, juntas de núcleo, regionais ou nacionais).

Curso versus percurso

Este conceito difere do atual conceito de curso, que ainda usamos (e continuaremos a usar, embora a uma escala diferente). Nesse caso, referimo-nos a uma oferta mais estática, disponível para todos de forma relativamente igual.

O curso continua a poder dar resposta a diferentes papéis que o adulto desempenha na Associação, tudo depende da diversidade e quantidade da oferta.

No caso dos percursos formativos, exige-se um esforço substancial de flexibilidade, em termos de oferta formativa, para poder ir ao encontro das necessidades mais específicas de cada formando. Não tenho dúvidas que esse esforço extra seja amplamente compensado no retorno para o formando, que vê o seu tempo disponível melhor empregue e uma maior eficácia da formação que frequenta.

No caso do curso, o principal ganho é a eficiência da formação, particularmente num contexto de escassez de recursos e de uma pressão para promover uma oferta cada vez mais extensa com um dispêndio de tempo e de dinheiro na sua oferta.

Na minha opinião, convertendo numa linguagem de estratégia, falamos do balanceamento entre eficiência e eficácia - entre "fazer as coisas bem" e "fazer as coisas certas" (ou, na língua inglesa, de onde derivam estas expressões, "doing things right", versus "doing the right things").

Módulos

A oferta formativa, numa lógica de percursos, embora não o implicando necessariamente, deverá ser orientada para conteúdos mais atomizados, módulos que permitam maximizar a flexibilidade que se pretende retirar.

Esta forma de organizar a oferta formativa, permite uma outra vantagem: a possibilidade de um formando "coleccionar" conteúdos de diferentes áreas, e inclusivamente, mais orientados para um percurso formativo diferente do seu, consoante os seus interesses ou necessidades formativas pessoais.

Os módulos estão organizados dentro de áreas formativas, para melhor catalogação e sistematização.

Percursos formativos e sistema de progressão

O conceito de percurso formativo pode facilmente comparar-se ao atual sistema de progressão disponível aos lobitos, exploradores/moços, pioneiros/marinheiros e caminheiros/companheiros. Nesse sistema de progressão, pretende-se que a opção de seleção sobre quais os trilhos/objetivos educativos a desenvolver caiba ao próprio escuteiro. No caso dos chefes, o conceito de percurso formativo permite ao formando selecionar os conteúdos em que pretende apostar. Sendo assim, tal como sucede com os escuteiros não dirigentes (estes, em relação à combinação de trilhos/objetivos educativos selecionados), os formandos constroem o seu percurso formativo, não havendo, em rigor, 2 iguais. Tudo depende dos diferentes conteúdos – módulos, se quisermos – que cada formando escolhe, bem como a forma como os combina.

Os percursos formativos em revista

Os percursos formativos do CNE estão organizados da seguinte forma:



O fecho de cada percurso está sujeito a que um conjunto de pressupostos se cumpra:

- Em termos de conteúdos obrigatórios, em determinadas áreas de formação
- A frequência de um momento presencial
- Um período de estágio obrigatório acompanhado por um Tutor Regional (ou Nacional, consoante os casos).

Pretende-se que o fecho de um percurso constitua um marco na formação de um chefe, aquilo que até aqui entendíamos como a conclusão de um curso.

Comparando com o sistema de formação anterior, a lógica dos percursos formativos está mais orientada para o conceito da formação contínua, permitindo ainda adaptar o timing da formação à disponibilidade do formando (ie, permitindo iniciar o percurso mais cedo, sem necessariamente ter que o fechar no mesmo ano em que o inicia).





Para lá da cerca

Bem comum e política humanista

Guilherme d'Oliveira Martins
Centro Nacional de Cultura

«O bem comum consiste no conjunto de todas as condições de vida social que consintam e favoreçam o desenvolvimento integral da personalidade humana» - afirmava João XXIII na encíclica «Mater et Magistra» (1961), citada em «Pacem in Terris» (1963). Estamos, antes do mais, perante a referência, na sociedade contemporânea, ao respeito pelos direitos e deveres fundamentais da pessoa humana. Nestes termos, os poderes públicos orientam-se no sentido do respeito, da harmonização, da tutela e da promoção dos direitos invioláveis das pessoas, prescrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Por isso, se uma autoridade não reconhecer os direitos ou os violar «não só perde a razão de ser, como também as suas injunções perdem a força de obrigar em consciência», como insistia João XXIII há cinquenta anos, num documento moderno que hoje se tornou mais atual do que em algum outro momento.

A noção de serviço público não se atém apenas ao Estado e ao mercado, mas à comunidade (ou ao que designamos como sociedade civil). O Estado social tem assim de representar a sociedade e os cidadãos, devendo o serviço público corresponder sempre a uma rede de iniciativas e de cidadãos criadores e participantes. Falamos do catálogo de direitos aceites e reconhecidos pelas Nações Unidas, que a «Pacem in Terris» refere: a existência de um digno padrão de vida; o respeito pelos valores morais e culturais; o prestar culto segundo o imperativo da reta consciência; a liberdade de escolha do estado de vida; a satisfação justa de necessidades económicas; para além dos direitos de reunião, de associação, de migração e de participação política – e o Concílio Vaticano II consagrou ainda a liberdade religiosa e de consciência. E este conjunto completa-se, naturalmente, com o elenco dos deveres de cidadania (e não de servos ou súbditos): reciprocidade entre direitos e responsabilidades, colaboração mútua entre pessoas, convivência na verdade, na justiça, no amor e na liberdade, bem como salvaguarda de uma ordem moral, cujo fundamento para os cristãos é o próprio Deus.

Referimo-nos, assim, a uma noção de «bem comum» que parte da dignidade da pessoa humana, articulando a singularidade individual e o sentido comunitário. Deste modo, encontramos um fundamento universal e não uma mera lógica de hierarquia formal. Não se trata de referir um modelo de bem comum ou uma noção estereotipada de democracia – mas sim de considerar que a pessoa humana é medida comum de direitos e res-

ponsabilidades. Estamos perante um elemento de justificação, de legitimidade e de reconhecimento. É justificação, uma vez que permite superar a lógica redutora da sociedade humana sujeita a modelos ou receitas. Sendo a pessoa a referência, a organização e o funcionamento da sociedade deverá encontrar um modo de respeitar, de facto, a liberdade, a igualdade, a diferença, a responsabilidade social, o pluralismo, o respeito mútuo (numa aceção positiva de tolerância), a igual consideração e o equilíbrio e a limitação de poderes (de Montesquieu). No tocante à legitimidade, estamos a falar ainda de legitimação, envolvendo a participação dos cidadãos pelo voto, pela expressão da vontade plural e pela cidadania ativa, mas igualmente a responsabilidade permanente pelo exercício dos poderes públicos. E temos de referir ainda o reconhecimento, que permite assegurar o respeito mútuo, a reciprocidade e a complementaridade sem absorção, sem exclusão e com manifestação de coesão, de confiança, de entajuda e de diálogo cívico participante. Daí a necessidade de equilibrar a autonomia individual e a reciprocidade.

Infelizmente, a autonomia individual é muitas vezes confundida com a fragmentação ou com o egoísmo, quando a autonomia pessoal apenas se afirma e reforça se permitir a articulação entre nós e os outros, entre eu e o outro, considerados como duas metades de nós mesmos. Como afirmou Jacques Maritain numa das suas conferências do período do exílio americano durante a guerra: «Dizer que o homem é uma pessoa quer dizer que, no fundo do ser, ser é mais um todo que uma parte, e mais independente que servo. Quer dizer que é um minúsculo fragmento de matéria e que é ao mesmo tempo um universo – um ser pedinte que comunica com um ser absoluto, uma carne mortal cujo valor é eterno, uma palha na qual entra o céu. É este mistério metafísico que o pensamento religioso designa quando diz que a pessoa é a imagem de Deus» («Os Princípios de Uma Política Humanista», tradução de António Alçada Baptista, Moraes, 1960, p. 21).

E é a partir daqui que temos de compreender a relação com o mundo contemporâneo e os sinais dos tempos, em especial a partir da laicidade, da liberdade religiosa e da reciprocidade entre todas as pessoas de boa vontade. E Maritain esclarece: «No dia em que todos os fiéis possam viver com homens de outras crenças, praticando em relação a eles perfeitas virtudes de jus-





Para lá da cerca

tiça, de amor e de inteligência, e guardando ao mesmo tempo em si a verdadeira fé perfeitamente íntegra e pura, nesse dia os homens não terão necessidade de praticar essas virtudes em relação às pessoas doutras crenças porque a infidelidade e a divisão religiosa terão desaparecido da terra» (Op. cit., p. 191).

Em tempos de incerteza, de tensão e de crise é muitas vezes difícil de entender a importância da noção de bem comum. O Estado social claudica mas os direitos sociais têm de ser salvaguardados, através de um contrato social renovado capaz de uma melhor utilização dos recursos disponíveis e de aperfeiçoamento da justiça distributiva. A qualidade dos serviços públicos de interesse geral não deve ser posta em causa – educação, saúde, proteção social. O tema das prioridades entra na ordem do dia, colocando a dignidade da pessoa humana, os direitos subjetivos, os direitos sociais, os novíssimos direitos ligados ao desenvolvimento e à qualidade de vida em lugar cimeiro, tendo em vista a coesão, a confiança, a defesa e salvaguarda do património, da herança e da memória. O bem comum não é uma abstração, é o reconhecimento da dignidade humana.





Formação de adultos... a história de uma aventura

CAMPO ESCOLA NACIONAL

Publicado em "A Flor de Lis", nº9 e 10, Setembro/Outubro 1962

Em Braga começou a funcionar, embora sem as instalações completamente acabadas, o C. E. N. Frequentaram este 1º curso para chefes de exploradores, 32 alunos que, segundo nos declararam, ficaram satisfeitos com a experiência.

Esperamos que outros lhes sigam o exemplo, para sua valorização ao serviço da nossa juventude que tanto necessita de dedicações.

O 1º curso do Campo Escola Nacional de Fraião – Insignia de Madeira

Passaram-se precisamente 12 anos sobre a data em que os primeiros cinco dirigentes do C.N.E. se deslocaram a Gilwell para aí frequentarem a 2ª parte do curso da Insignia de Madeira.

Assim se preparou de muito longe o acontecimento da maior importância que acaba de dar-se na vida da nossa Associação – a realização em Portugal do curso completo da Insignia de Madeira, método tradicional e de eficácia bem comprovada de formação de chefes.

Nessa data havia aspectos que se situavam quase no domínio dos sonhos, sendo o principal a existência dum campo permanente com o mínimo de condições para que tais cursos pudessem realizar-se.

O valioso auxílio da Fundação Gulbenkian, à qual jamais agradeceremos suficientemente, desfez o sonho e deu-nos a consoladora realidade – o Campo Escola Nacional de Fraião, nos arredores de Braga, berço do C.N.E.

Muito falta ainda para que tudo esteja pronto e este Centro de Formação perfeitamente equipado. O que está feito, porém, permitiu que já no passado mês de Agosto se fizesse, a título experimental o primeiro curso, que deixou em todos os participantes a melhor impressão e, segundo cremos, preciosas lições que muito hão-de contribuir para a valorização do nível do nosso Escutismo.

«Estou certo de que o resultado deste curso será um escutismo melhor para um maior número de rapazes», declarou-nos Mr. Bearlein.

Na impossibilidade duma reportagem completa como desejaríamos fazer, temos o prazer de dar aos nossos leitores as impressões do delegado do chefe de Campo de Gilwell que propositadamente se deslocou ao nosso país. (...)

Em conversa plena de simplicidade, durante o decorrer do curso e um breve intervalo de actividades, fizemos a Mr. Bearlein o seguinte pedido:

- Gostaríamos de saber as suas impressões desta primeira visita a Portugal e registaremos, com muito prazer as palavras que quiser dirigir aos escutas portugueses, em especial à nossa Associação.

- Em primeiro lugar, quero agradecer a forma como me acolheram, como Irmão escuta, o que mostra o bom espírito do Escutismo, pelo qual nos sentimos em todos os países, como na nossa própria casa. Felicito a vossa Associação pela escolha do terreno que é bom. Na minha opinião, nem demasiadamente grande nem demasiadamente pequeno; e também pelo trabalho que já está realizado e pelo que está em projecto.

Noto, sobretudo, o entusiasmo e a boa disposição, o verdadeiro espírito escuta dos membros deste curso.

É ainda notável o entusiasmo e o bom espírito da equipa dirigente, tanto mais de admirar, quanto é a primeira vez que fazem este trabalho. Vê-se que tudo está previsto e preparado, dando a impressão de que há já muito tempo que executam tarefas deste género.

Estou certo de que quando os alunos regressarem as suas casas farão com que muitos outros aqui venham e que os resultados serão um escutismo melhor, para um maior número de escutas.

Foi, também, com muito prazer que registei o bom espírito do C.N.E., admitindo neste curso cinco espanhóis, e faço votos para que muito em breve a Espanha venha a fazer parte do Escutismo Internacional.

Estou muito satisfeito por ter tido a oportunidade de encontrar os nossos irmãos escutas portugueses. Aguardarei com impaciência a minha próxima visita e a visita a Gilwell de membros da vossa Associação.

Publicado em "A Flor de Lis", nº11, Novembro 1962

Humor em Fraião por Enrique Genovés

La aventura escultista es dura a veces. En Fraião, durante el 1º Curso de la Insignia de Madera se trabajó intensamente, y la vida entre los pinos no fué fácil para muchos, fuesen jovenes o casi viejos. Pero habia buen espíritu, se tomó la cosa com excelente ánimo, y resultó verdad aquello de que el Scout sonrie y silba ante las dificultades.

Las frases oidas en el Campo Escuela, y que a cotinuación reproduzco, son muestras del alegre buen humor reinante en Fraião entre los asistentes al historico Curso.

- Un veterano sudoroso. «Ahora entiendo porque llaman a esto Escutismo PARA MUCHACHOS».

- Cuando aún no nos conociamos, un portugues explico: «Yo, soy Padres». Y un español contestó: «Yo tambien». Luego se aclaró que uno era Sacerdote y outro padre de familia.

- Actividades de tiempo libre. Y alguien dijo: «Eso es el sueño de un optimista».

- Un entusiasta tranajador fué a por un hermoso tronco de eucalipto para llevarlo a sun Patrulla, sin sospechar lo que pesaba. Y cuando comprobó que casi no podia moverlo, dijo: «Que barbaridad! Han llenado de plomo este tronco».

- Un dia aparecio un Jefe llevando una cola de zorro pendiente de la cintura. Y en una Patrulla se razonó asi: «El problema está en saber si esse rabo disimula o realza la personalidad de este Jefe».

- Exclamación de un cuerpo dolorido. «Este campo es un erizo. No hay manera de sentarse sin pincharse».

- Conclusión de los españoles: «El mejor cargo de este Campo es el de Jefe ingles».

- Por la tarde, té. Té por la noche. Y un español alérgico a esta bebida, exclamó: «Estos chicos no se han enterado que Portugal esta lleno de café».

- A las dos de la tarde, durante el raid final. «Esto es un abuso: han puesto todo el sol y todo el polvo de Portugal en esta carretera».

- Los viveres para el raid fueron calculados solo para assegurar la supervivencia de la Patrulla. A la hora de salir, alguien dijo: «Llevar papel higienico». Y outro contestó: «Para qué? Esta cantidad de comida no puede producir residuos».



Quando rezares Oração da manhã e da noite: de um dia para o outro com confiança e misericórdia



ANO DA FÉ
2012 2013

Joan Chisttister

In O sopro da vida interior, ed. Paulinas

Nada pode fazer tanto por nós como a prece diária: ela envolve-nos num sentido de propósito humano. Dá-nos uma estrela pela qual nos podemos guiar e que nunca se desvanece.

A oração da manhã, feita diária, consciente e contemplativamente, define as atitudes que levaremos connosco para o dia.

Dá-nos uma moldura para olhar para a vida que está para além do peso do dia vindouro e dos avisos de desastres eminentes que vêm com as notícias da manhã.

Leva-nos à fonte do que for necessário para nos aguentarmos, à medida que avançamos.

Renova o nosso sentido de propósito espiritual, cada dia, dia após dia. Dá-nos uma visão do significado das coisas que fazemos, apesar da sua monotonia.

A oração da manhã é, na verdade, a chave para sermos capazes de enfrentar, não apenas o que virá, mas também o modo como o havemos de resolver.

A oração da noite limpa-nos das impurezas do dia. Leva-nos a fazer as pazes connosco próprios.

Apesar das lutas do dia que ainda ficaram pendentes, que estará ainda à nossa espera no dia seguinte, a oração da noite abençoa os esforços deste dia e promete-nos a benção para o próximo.

Fecha a porta desse dia para que possamos abrir a do dia seguinte, com esperança e de braços abertos.

Confirma em nós o sentimento de que o Deus que nos fez também conhece o pó de onde viemos. E ama-o. E acredita nele. E estará connosco em todas as lutas que nos trará de novo o amanhã.

É a rotina da oração diária que nos leva de um dia para o outro, cheios de confiança, acompanhados pela misericórdia.





Exemplos que funcionam

Clube de(a) Malta

Departamento de Formação

Junta de Núcleo Terras de Santa Maria – Região do Porto

Em 1890 Baden-Powell desembarcou na ilha de Malta, como secretário militar de seu tio, o general Smyth, governador da ilha.

Porque as tarefas administrativas lhe deixavam bastante tempo, tomou a iniciativa de ocupar as horas livres dos seus soldados. Para isso criou uma espécie de clube, com teatro, salões de leitura e de correspondência, sala de baile, bilhares, ginásio e restaurante.

Para além de ser a alma do clube e o melhor amigo dos seus soldados, Baden-Powell procurou, ele próprio, desenvolver outras actividades.

Cf. A Pista do Tesouro, Baden-Powell e o Escutismo, Adolfo Simões Müller, Livraria Tavares Martins, Porto, 1975

ESTE É O CLUBE DE(A) MALTA!

... um espaço de formação e formação de adultos no Escutismo;
 ... um desafio a ver as "coisas" com outro olhar;
 ... uma oportunidade de valorização pessoal.

A formação de adultos é sempre uma partilha de conhecimentos e experiências entre todos os seus agentes, sejam eles formandos ou formadores. E quando os momentos de formação são devidamente organizados, preparados, realizados e avaliados, cada um dos seus intervenientes, seja formando ou formador, leva "qualquer coisa mais para casa".

A formação não tem de ser chata, mas não pode ser árida; a formação não tem de ser exaustiva, mas tem de ser interpeladora; a formação não pode substituir-se ao formando, mas tem de lhe dar o protagonismo. E pode ser alavanca para mais proximidade e maior cumplicidade, ajudando a tecer esse tecido adulto, que não sendo o centro da nossa ação, é condição essencial para o êxito dessa mesma ação.

Este clube pretende isso mesmo: animar os adultos que o procuram! E animar é dar-lhes ânimo (porque a vida não é só feita de altos), dar-lhes espaço (porque sentem necessidade de voar), dar-lhes importância (porque são pessoas e são voluntários). Daí que o ambiente que se vive no clube tem de ser de acolhimento e de proximidade, de abertura a todos (Dirigentes e Caminheiros), que privilegia o lúdico e a interação.

E pretende igualmente contribuir para a formação pessoal de cada um dos que, de modo totalmente livre, adere ao Clube. Cada encontro do Clube é feito sob uma temática. Até agora foram abordados os seguintes temas:

Fevereiro 2012 – Trabalho em equipa

Maio 2012 – "Áreas, Trilhos, Objetivos" – Deveras complicado ou simples mito?

Dezembro 2012 – Relação Educativa

Fevereiro 2013 – Modelos de Vida, Modelos de Fé... ao encontro do Senhor

Maio 2013 – Planear – nem de mais, nem de menos. Qb!

Sempre de forma interativa e participativa, fazendo uso de jogos e dinâmicas, os temas são trabalhados não de forma exaustiva, mas motivando os presentes para esse tema e deixando pistas que podem à posteriori seguir. A ação do Clube não se centra no tema da formação, não pretende esgotar ou fechar o tema em duas horas e meia, mas centra-se no adulto que veio ao Clube; em suscitar-lhe a curiosidade, em aumentar-lhe o interesse, em mostrar-lhe portas que pode abrir, em indicar-lhe caminhos que pode seguir.

Uma próxima etapa deste Clube será a de levar os seus membros a indicarem as suas necessidades de formação concretas, e para as quais o Clube possa dar uma ajuda na sua resolução. Este é um caminho que tem de ser feito, com calma e determinação, pois nem sempre é assim tão fácil tomar consciência das dificuldades próprias de cada um e assumi-las como tal. É um desafio que espera os responsáveis por este Clube.

Baden-Powell foi um inspirador, e continua a sê-lo!

"(...) tomou a iniciativa de ocupar as horas livres dos seus soldados. Para isso criou uma espécie de clube, com teatro, salões de leitura e de correspondência, sala de baile, bilhares, ginásio e restaurante."

Alia a cultura ao prazer, alia a valorização pessoal ao convívio, alia a interação e a participação ao lúdico. E, sobretudo, centra-se na pessoa. Este é o segredo!



Excertos...

A mudança: o produto final da formação

Matilde Santos
Mocho paciente

No decorrer dos tempos, a formação teve e continua a ter – sobretudo numa época em constante e acelerada mutação como é aquela que se vive – uma importante influência no desenvolvimento global do ser humano.

Indivíduo ou organização que descure os seus saberes, que contenha a sua curiosidade e paralise as suas condutas, mantendo-se hoje como ontem e amanhã como hoje, está a pôr em perigo a sua sobrevivência e credibilidade. Talvez tenha sido a tomada de consciência desta realidade que, desde muito cedo, levou o homem a alargar os limites do seu horizonte e a ampliar o seu campo de acção, ainda que, para o conseguir, tenha, por vezes, de desassossegado a pacatez pessoal, interpessoal e institucional.

(...)

O contraste entre o dantes e o agora é vivamente realçado por Miguel Torga, no seu *Diário*.

Um preso que regressou de uma longa clausura, e que me pareceu um sobrevivente doutras épocas. Mais do que a ilimitação do seu espaço físico, o que degrada o recluso é o sucessivo empobrecimento que os homens e o tempo vão fazendo da sua personalidade. Primeiro, o polícia que o prende; a seguir, o juiz que o julga; depois, os carcereiros, que o desprezam; por fim, ele próprio que se resigna. Mas é sobretudo a erosão do tempo que corrói. Dantes, as horas eram lentas. Um encarcerado, ao cabo de trinta ou quarenta anos de cadeia, regressava actual à luz da liberdade. Agora, não. Agora, no prazo de uma semana, a história muda a face do mundo. E quem volta das masmorras regressa desactualizado na técnica, na história, na moral e na humanidade. Regressa um homem das cavernas.

Num tempo em que a evolução dos acontecimentos e a alteração das situações são cada vez mais imprevisíveis, é frequente deparar com opções feitas ontem que, avaliadas no contexto de hoje, terão de ser reformuladas ou mesmo abandonadas.

Ser capaz de aceitar, com serenidade, que nem sempre é possível manter o passado e que determinadas formas de estar no mundo já fizeram o seu tempo, é uma manifestação de lucidez. Contudo, é natural que se prefira o habitual ao desconhecido, o seguro ao incerto, o esperado ao imprevisto, enquanto garantes de um quotidiano sem sobressaltos.

A estabilidade, por um lado, dá tranquilidade e segurança; por outro, pode dispensar as pessoas de pensar, de questionar e de actuar. A mudança, ao contrário, assusta. Implica uma ruptura com o conhecido e uma partida para o desconhecido, odisséia nem sempre pacífica pelas suas potenciais ameaças e incertezas.

Maria de Lourdes Pintasilgo escreveu: *O princípio da incerteza faz apelo ao sentido do risco, à capacidade de fazer erros e reconhecê-los, à abertura para novas tentativas.*

Porque assenta numa decisão interior, a adesão a determinada mudança requer, por parte de quem nela se envolve, coragem e mestria para perceber e interpretar de forma crítica o mundo das pessoas, das coisas, dos valores, das crenças, dos saberes, das certezas... por mais intocáveis que se apresentem.

As mudanças fazem parte da vida, que, por si, é um processo contínuo de adaptação a situações novas e diferentes. Assim sendo, terá cada vez menos sentido apelar para a estabilidade e para o definitivo. *Tudo muda, tudo flui, nada permanece a não ser a mudança*, afirmava Heraclito, filósofo grego do século VI a.C.

Durante muito tempo defendeu-se – e ainda há quem defenda – um modelo de formação cuja finalidade era fornecer aos formandos um conjunto de matérias que mais tarde, através do exercício de uma profissão, lhes garantisse um futuro estável, duradouro e risonho. A formação era, assim, uma oportunidade para encher as cabeças dos formandos de saberes e técnicas, tornando-as um verdadeiro arsenal onde, sempre que necessário, se poderia recorrer para retirar a solução ideal para determinado problema.

Hoje, o prazo de validade dos saberes, das competências, das certezas, das seguranças... é muito reduzido. De igual modo, o conhecimento tem cada vez mais a ver com contributos da experiência vivida e não tanto com o que, de forma passiva, se recebeu, acumulou e guardou. Perante esta evidência, torna-se urgente promover uma formação que capacite os formandos não só para viverem numa sociedade marcada pela instabilidade e pelo provisório, como também para enfrentarem os problemas que surgem, começando pela sua identificação, compreensão, formulação e só depois a sua resolução.

Nos mais diversos domínios, a formação pode considerar-se o primeiro passo para as pessoas se tornarem verdadeiros protagonistas da mudança.

Conformar-se a ser mero espectador ou consumidor de mudanças, sem qualquer sentido crítico, é impedir a abertura a novos horizontes. Só a passagem de espectador a fazedor de mudança permite fazer de cada tempo uma época nova.

Queres saber mais como fazer acontecer a mudança?

Então, continua a leitura no:

Guia do Animador na formação de adultos, Paulo da Trindade Ferreira, Editorial Presença, Lisboa, 2009

E depois partilha com todos o teu comentário!

Naquele tempo...

O papel dos Patronos no CNE

Juan Ambrosio

Lobo Ibérico

Universidade Católica Portuguesa - Lisboa

Não é preciso ser um grande conhecedor do CNE e basta fazer uma pequena 'passagem de olhos' pelo sítio da Associação para se poder perceber o destaque que se dá aos «patronos», aos «modelos de vida» e a várias personagens que são consideradas como «grandes figuras» que inspiram os escuteiros pertencentes às diversas Secções.

Julgo que também não será difícil perceber o porquê desta relevância. Sendo o CNE um movimento que tem por grande objetivo a formação integral dos jovens, é mais do que natural que dê um grande destaque a testemunhos de vidas concretas que possam ajudar - quer os dirigentes, quer os jovens - a poderem mais facilmente assumir o protagonismo, que compete a cada um, em todo o itinerário educativo. Na verdade, todos sabemos que a educação é muito mais do que uma mera instrução, pelo que não pode jamais ficar reduzida a um conjunto de conteúdos que se transmitem, por mais importantes e indispensáveis que eles possam ser. Também a transmissão de normas de comportamentos, ou mesmo de um elenco de valores, se bem que fundamentais, não esgota o processo educativo.

A educação no CNE, porque se quer e se diz integral, exige que cada um perceba que o seu papel é insubstituível, e o assuma com coragem e ousadia. Neste contexto, tem todo o sentido que sejam apresentados exemplos concretos que possam ajudar a perceber e a discernir que atitudes devem ser assumidas, que valores devem ser propostos, que caminhos devem ser percorridos.

Todos sabemos, também, que a educação nunca pode ser só uma autoeducação, pois nesse caso o horizonte para o qual cada um de nós tenderia teria sempre, e só, o tamanho dos seus desejos, inspirações e vontade, ou seja, seria sempre um horizonte com o nosso limite, o que, temos de convir, nos impediria de ir mais longe.

Daí decorre, igualmente, a importância significativa dos modelos e exemplos de vida. Eles não são simplesmente um convite a imitar a exterioridade dos seus atos, mas vão muito para além disso, testemunhando como pessoas concretas, em situações de vida concretas, que foram capazes de ultrapassar as dificuldades e responder às diversas interpelações que vão sempre surgindo ao longo da vida.

O sentido da vida, a felicidade, não está apenas reservado para aqueles heróis que costumamos descrever com grandes traços, nem se alcança somente com aqueles gestos grandiosos que parecem estar só reservados para um grupo muito restrito de eleitos. Não! Não é de todo assim. Existe uma imensa maioria de pessoas comuns, como nós, que com gestos muitas vezes pequenos e humildes, muitas vezes não mais do que vulgares, conseguiram ser felizes e contribuir para a felicidade dos outros.

E são esses, porque foram capazes de abrir novos horizontes a outros, que acabam por ser propostos como modelos e, com frequência, apresentados como verdadeiros heróis com traços e contornos que parecem distanciá-los de todos os outros seres humanos. Mas se olharmos bem, sendo capazes de ver para além das aparências que foram sendo construídas, verificaremos que são tão humanos como nós. No fundo, é por isso que podem ser propostos como modelos e exemplos, pois de outro modo não nos poderiam verdadeiramente inspirar, uma vez que nos proporião caminhos impossíveis de percorrer.

Mas se isto é compreensível e aceitável a este nível, o que dizer quando entramos no campo dos patronos? Não estaremos aí a recorrer a exemplos que pouco ou nada têm a ver com o cidadão comum? Ao propor estes exemplos não está o CNE a elevar demasiado a fasquia? Não está a ser utópico, propondo metas impossíveis de alcançar e exemplos impossíveis de repetir? A referência aos patronos não será resquício de coisas de outros tempos a que nós hoje não deveríamos dar tanta atenção?

Sempre que estas dúvidas se levantam e não temos a coragem de lhes responder, corremos o risco de ensaiar caminhos que acabam por transformar os patronos em heróis mais ou menos míticos e lendários. E o primeiro passo nesse sentido é muito vezes dado, sem que disso tenhamos muita consciência, quando se começa a secundarizar, para não dizer ocultar, a sua condição de santos.

Os patronos do CNE são seus patronos exatamente por serem santos. Ignorar esse aspeto é não perceber o essencial. Eles não são heróis e muito menos 'mascotes' ou 'totens'. Eles são santos, e é porque o são que podem desempenhar um papel fundamental no CNE. Mas vamos por partes.

O CNE tem como um dos seus traços identificativos o facto de ser escutismo católico, o que faz com que a sua atenção à educação da fé constitua também uma das suas preocupações maiores. Deste modo, os exemplos que propõe, as metas que aponta e os modelos de vida que sugere têm também como traço característico a dimensão da fé.

Os santos não são super-homens, nem super-mulheres, com poderes especiais que só estariam reservados a alguns; não são também semi-deuses com um património genético que os distinguiria de todos os seres humanos. São seres humanos concretos que tiveram a coragem e a ousadia de responder à interpelação de Deus nas suas vidas. É por isso mesmo que eles nos podem testemunhar o horizonte para o qual a vida humana pode caminhar. Inspirados e guiados pela fé - o mesmo é dizer inspirados e guiados pela relação com Deus - puderam viver a vida de outra maneira, mostrando que essa outra maneira não só é possível, como é verdadeiramente humana.



Para os cristãos esta é uma realidade clara. A santidade não se opõe à humanidade, pelo contrário eleva-a e condu-la aos horizontes a que Deus a convida.

Deste modo, e ao contrário do que muitos possam pensar, os patronos do CNE, porque são santos, são verdadeiros modelos de humanidade.

Mas se os patronos do CNE podem ajudar a entender melhor e a concretizar a relação do ser humano com Deus, será que podem igualmente ajudar ao compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna?

A resposta é inequivocamente positiva e uma vez mais ela tem a ver com a questão da santidade.

Porque a santidade os levou à sintonia e à proximidade de Deus, eles puderam ver melhor o mundo e a história humana a partir do próprio olhar de Deus, ou seja, puderam compreender melhor a proposta de Deus para todo o ser humano. Perceber isto, é, no meu entender, perceber uma das notas características da santidade. É que a proximidade e intimidade com Deus lança para o ser humano, lança para os irmãos, dando especial atenção aqueles que estão mais desprotegidos e fragilizados. A denúncia da injustiça e o compromisso com a justiça, são por isso dimensões a que a santidade nos torna mais atentos e sensíveis.

Também por isto os patronos do CNE, porque são santos, são verdadeiro testemunho do compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e de uma história mais fraterna.

Seja-me permitida uma última referência, esta mais complexa e, porventura, menos evidente. Ela tem a ver com algo que é importante para os cristãos e que, muitas vezes, é ignorado: refiro-me à comunhão dos santos.

Os cristãos acreditam na ressurreição e isso implica acreditar que a vida, ainda que com contornos distintos, continua para além da morte. É por isso que os cristãos acreditam igualmente que aqueles que nos precederam, e agora já vivem uma relação

mais plena com Deus, podem continuar a guiar-nos no nosso viver.

E ao dizer isto, não estou simplesmente a fazer referência a uma vaga memória, que em nós possa perdurar, das coisas boas e belas que eles fizeram e que, por isso mesmo, nos pode continuar a inspirar.

O que pretendo é verdadeiramente ir mais longe, afirmando que eles continuam vivos podendo, por esta razão, continuar a ser protagonistas e construtores da comunhão que existe e se gera entre todos aqueles que acreditam no Deus revelado por Jesus Cristo. O seu contributo, claro está, não é igual ao nosso, nem se concretiza da mesma maneira, mas não é por isso que deixa de ser menos real e efetivo.

Deste modo, apesar de terem vivido em tempos porventura muito diferentes dos nossos, o que fez com que a sua vida tivesse a marca desses mesmos tempos, eles não estão amarrados ao passado. Hoje, no presente, eles continuam a ser construtores desta comunhão que nos aproxima de Deus e nos compromete uns com os outros, ajudando-nos a traçar os caminhos do futuro.

Porque são santos, os patronos do CNE podem verdadeiramente continuar a guiar a nossa Associação com a força efetiva e real do amor que nos une e não simplesmente ao modo de uma vaga lembrança inspiradora.

Por tudo isto, e por muito mais que aqui não fica escrito, o papel dos patronos no CNE não deveria nunca ser ignorado nem secundarizado, mas, pelo contrário, deveria ser alvo de cuidada atenção.

Bibliografia

Via da Fé – Acompanhar Pedro no seguimento de Jesus

Bernardo Corrêa D'Almeida
Centro de Estudos Franciscanos

José Carlos Pinheiro
Mocho peregrino

No passado mês de Abril, tivemos oportunidade de participar numa Conferência, integrada num ciclo de Conferências sobre o Ano da Fé.

A referida Conferência teve como tema "O Caminho de Fé de Pedro" e foi apresentada pelo Frei Bernardo Corrêa D'Almeida. Nessa dita Conferência tivemos também acesso ao livro de sua autoria, acima referido.

Ora este é o mês em que celebramos S. Pedro – 29 Junho, pelo que parece-nos oportuno trazer para o universo dos Formadores do CNE este excelente apoio na vivência e caminhada da nossa Fé, neste Ano da Fé.

A proposta deste livro é acompanharmos Pedro ao longo do seu seguimento de Jesus. O autor refere que "Pedro é modelo para todos nós da justa compreensão de Jesus. O Apostolo Pedro destaca-

-se entre os discípulos por ser o mais decidido na afirmação da sua verdade, a qual progressivamente vai sendo a Verdade do Senhor na sua vida. Talvez por ter sido, entre os discípulos, aquele que mais genuinamente arriscou na procura da verdade.

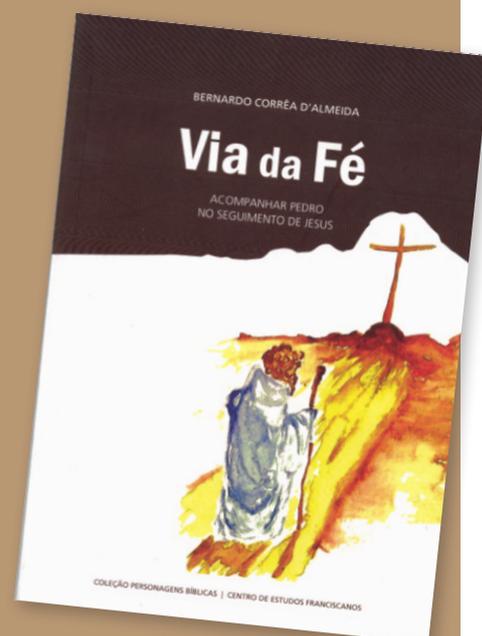
De facto, quem não arrisca na procura da Verdade... não é alcançado por ela!"

Nesse sentido o autor selecionou dezassete etapas do caminho feito por Pedro, onde nos propõe a análise atenta de cada uma delas através da respectiva passagem do Evangelho com meditação, uma oração e uma atitude de vida.

"Tem confiança, Sou EU, não tenhas medo."

Esperemos que estes breves excertos vos tenham aguçado o apetite...

Boa Leitura! ...



ENFORMA/EDF 2013 AVISO

Em virtude da tomada de posse como novo Bispo de Lisboa, de S. Exa. Rev.^a D. Manuel Clemente, no dia 7 de julho, o Enforma/EDF será adiado para data após o Verão e que atempadamente será informada.



CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Escutismo Católico Português



Equipa Nacional dos
Adultos

www.cne-escutismo.pt

GoodyearNEWS

Equipa Goodyear:

Carlos Nobre, Matilde Santos,
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.
Design gráfico: Pedro Botelho

goodyear@cne-escutismo.pt

Colaboraram nesta edição:

Carlos Nobre (Região do Porto)
Departamento de Formação – JNTSM (Região do Porto)
Ivo Faria (Região de Braga)
José Carlos Pinheiro (Região do Porto)
Matilde Santos (Região do Porto)
E a participação especial do Prof. Guilherme d'Oliveira Martins –
Centro Nacional de Cultura
e de Juan Ambrosio – Universidade Católica Portuguesa - Lisboa
Ilustração da capa – João Angélico

